

AS VISÕES SOBRE AS MULHERES DA ANTIGUIDADE NAS EXPOSIÇÕES VIRTUAIS DO SÉCULO XXI¹

Gabriela Isbaes²

Pedro Paulo Abreu Funari³

Resumo: São analisadas neste artigo exposições realizadas por museus e universidades no século XXI e que têm como tema as mulheres da Antiguidade, em especial a greco-romana. A ideia foi identificar como essas instituições trabalharam e interpretaram os artefatos disponíveis em suas coleções, e como podem contribuir para o desenvolvimento de discursos que versam acerca da vida das mulheres antigas em meio a um ambiente historiográfico aberto às discussões feministas e de gênero. Neste artigo serão consideradas as seguintes exposições: *250 mujeres de la antigua Roma* (2022), virtual, promovida pelo grupo “*Conditio Feminae I*”, da Universidade de Sevilha, na Espanha; *Imperatrici, Matrone, Liberte* (2021), promovida pela Galeria Uffizi, em Florença, na Itália; e uma pequena exibição intitulada *Rediscovering ancient women* (2021), do Phoebe A. Hearst Museum of Anthropology, vinculado à Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos. O interesse em analisar essas exposições está no fato de que elas possuem a possibilidade de visita on-line, o que viabiliza o alcance das informações a um público diverso, nem sempre vinculado aos círculos acadêmicos. Ao tomarmos os museus e coleções como espaços de construções de memória, tais exposições podem permitir uma leitura menos misógina da Antiguidade para o público em geral.

Palavras-chave: Mulheres da Antiguidade; Exposições; Acervos virtuais; Recepções da Antiguidade; Feminismos.

¹ Recebido em 15 de outubro de 2023 e aprovado em 19 de janeiro de 2024.

² Doutoranda em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bolsista da Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6287-4884>.

³ Professor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutor em Arqueologia. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0183-7622>.

PERSPECTIVES OF ANCIENT WOMEN IN 21ST CENTURY VIRTUAL EXHIBITIONS

Abstract: *In this article, exhibitions with a focus on women in antiquity, particularly in the Greco-Roman context, held by museums and universities in the 21st century, are analyzed. The idea was to identify how this institutions interpreted the artefacts available in their collections and how they can contribute to the development of the discourses concerning to the lives of ancient women, in dialogue with feminist and gender epistemologies. The following exhibitions will be considered in this article: 250 mujeres de la antigua Roma (2022), a virtual exhibition promoted by the “Conditio Feminae I” group, at the Sevilla University, in Spain; Imperatrici, Matrone, Liberte (2021), promoted by the Galleria Uffizi, in Florence, Italy; and a small exhibition named Rediscovering ancient women (2021), of the Phoebe A. Hearst Museum of Anthropology, affiliated to the California University in the United States. The interest in analyzing these exhibitions lies in the fact that they offer online access, making the information accessible to a diverse audience, not always connected to academic circles. By considering museums and collections as spaces for memory construction, these exhibitions can allow for a less misogynistic interpretation of antiquity for the general public.*

Keywords: *Ancient women; Exhibition; Virtual archives; Classical receptions; Feminism.*

Introdução

A Antiguidade encontra-se presente em diversas esferas do nosso cotidiano. Nossa língua, costumes e ideias muitas vezes são orientados por referências do passado antigo das quais pouco nos damos conta. É notória também a presença do mundo clássico na cultura popular e no entretenimento, por meio de videogames, livros de ficção, músicas e filmes, por exemplo (Funari, 2019, p. 37). Portanto, percebe-se que diversos aspectos da cultura antiga têm sido selecionados e expostos na contemporaneidade, tema que suscitou muitos debates nos últimos anos, os quais levam a reflexões acerca de quais teriam sido as formas de apropriação desse passado não apenas na atualidade, mas ao longo dos séculos, desde a Antiguidade (Hardwick, 2003, p. 03).

Nesse sentido, as discussões acerca das recepções e usos do passado antigo aparecem como pauta de diversas pesquisas, textos e trabalhos nas últimas décadas. Charles Martindale destaca-se como uma das principais vozes para o desenvolvimento dos estudos acerca da recepção dos clássi-

cos desde os anos 1990, período no qual o campo ainda era cercado por polêmicas e pouco desenvolvido. Desde então, as pesquisas sobre o tema têm aumentado e se interseccionam com diversas epistemologias e frentes de estudo (Martindale, 2006, p. 01). Lorna Hardwick e Christopher Stray (2003, p. 01), entendem as recepções do passado antigo como *the ways in which Greek and Roman material has been transmitted, translated, excerpted, interpreted, rewritten, re-imaged and represented*. Assim, os autores expõem que esse processo é permeado por atividades complexas, que dialogam com os contextos no qual está inserido, de modo que não podemos falar em “recepção” no singular, mas sim, em “recepções”, no plural. As fontes da Antiguidade são moldadas por cada geração que entra em contato com elas, haja vista que cada período e sociedade alteram as experiências e os modos de se apropriar desses objetos. Antiguidade e modernidade estão sempre interseccionadas, implícitas uma na outra e em diálogo para a construção do saber (Martindale, 2006, p. 4-5).

Entre os espaços em que se dá a construção e a disseminação de narrativas e memórias sobre o passado, estão os museus e as exposições. Sabe-se que a história das artes, da cultura material e, por consequência, dos espaços nas quais essas foram e são exibidas, possuíram por muito tempo uma frente canônica, com uma tradição seletiva que seguia interesses e jogos de poder masculinos e europeus (Pollock, 2008, p. XVIII-XIX). No caso da Antiguidade Clássica, isso se refletiu em exposições que traziam artefatos que evocavam uma narrativa de exaltação da glória do passado militar e político, de modo a replicar uma ideia falocêntrica do mundo antigo.

Para Griselda Pollock (2008, p. XX), ao mantermos as mulheres distantes dos espaços museais, seja como curadoras, artistas ou como personagens retratadas nas produções por eles exibidas, contribuimos para manter uma tradição masculinizante e eurocêntrica da história. Nesse sentido, a autora ressalta o modo como os feminismos atingiram o campo das exposições, da história e das artes, como uma revolução. Uma revolução que questionou as bases do pensamento ocidental e que concedeu caminhos para a produção de saberes mais plurais e deslocados da lógica normativa sustentada até meados do século XX. Assim, desde então, não temos apenas a abertura para o estudo das mulheres, mas sim uma reconfiguração do modo de pensar, de construir o conhecimento e, portanto, de apresentar informações sobre o passado nos espaços dos museus e exposições, que agora contemplam o senso de multiplicidade (Pollock, 2008, p. XXI).

As exposições moldam narrativas e ideários que se fixam no imaginário das pessoas que frequentam esses locais e absorvem as informações ali exibidas. São um espaço potente de educação pública, democratizado pela criação da internet e dos arquivos e exposições virtuais. Dessa maneira, são meios de divulgação e de favorecimento de narrativas culturais (Pollock, 2008, p. XXXI).

Neste artigo, examina-se o modo como as mulheres da Antiguidade e os artefatos que fazem referência a elas foram explorados em três exposições realizadas em ambientes virtuais. Para tanto, em um primeiro momento, será explicitado o modo como as narrativas sobre as mulheres antigas foram construídas ao longo do tempo, para depois explicar a importância das exposições e de como elas se configuram como espaços de disseminação de visões acerca dessas personagens. Em seguida, serão apresentadas as exposições, a fim de observar as narrativas por elas trazidas e se essas se encontram alinhadas aos debates em voga em meio à produção historiográfica em relação às mulheres da Antiguidade. As exposições escolhidas para compor este artigo foram: *250 mujeres de la antigua Roma*, virtual, promovida pelo grupo “Conditio Feminae I: Marginación y visibilidad de la mujer en el Imperio Romano”, da Universidade de Sevilha, na Espanha,⁴ e colocada no ar em 2022; *Imperatrici, Matrone, Liberte*, promovida em 2021 pela Galeria Uffizi, em Florença, na Itália;⁵ e uma pequena exibição intitulada *Rediscovering ancient women*, do Phoebe A. Hearst Museum of Anthropology, vinculado à Universidade de Berkeley, na Califórnia,⁶ disponibilizada em 2021.

Memória, história e narrativas sobre as mulheres antigas nos museus

Os estudos sobre a recepção do passado antigo, para Charles Martindale (2006, p. 02), representam não apenas uma nova forma de estudar a Antiguidade e o que nela ocorreu. Para o autor, mais do que isso, eles são

⁴ Disponível em: <https://grupo.us.es/conditiofeminae/index.php/250-mujeres-de-la-antigua-roma/>. Acesso em: 1º out. 2023.

⁵ Disponível em: <https://www.uffizi.it/mostre-virtuali/imperatrici-matrone-liberte>. Acesso em: 01 out. 2023.

⁶ Disponível em: <https://hearstmuseum.berkeley.edu/exhibit/rediscovering-ancient-women-fragments-lives-mediterranean-collections-hearst-museum-anthropology/>. Acesso em: 1º out. 2023.

chave importante para alargar as reflexões acerca da construção da disciplina histórica, das disputas nela inseridas, dos discursos que a permearam ao longo dos séculos e do modo como as fontes foram interpretadas a partir desses. Assim, é relevante ressaltar, de modo breve, como as exposições têm sido utilizadas como espaços de comunicação de conceitos e de narrativas sobre o passado, e quais as tendências seguidas na atualidade. Ademais, cabe explicitar nesta parte o modo como as mulheres vieram a se tornar objeto de ênfase da história e de como essa perspectiva contrasta com o saber elaborado ainda nas primeiras décadas do século XX.

Durante o Renascimento e nos séculos que se seguiram, coleções e museus eram sinônimo de espaços particulares ou restritos a poucas pessoas, nos quais guardava-se objetos do passado, em especial artísticos, fruto de coleções pessoais ou que tinham relação com algum grande feito ou civilização (Zanker, 1995, p. 02). Hoje, essas instituições evoluem para espaços de comunicação cultural e de preservação da memória dos mais diversos povos e períodos, em uma ação que pluraliza o enfoque das coleções e das narrativas por elas apresentadas (Cury, 2005, p. 366).

Os museus, ou quaisquer outros espaços nos quais as exposições sejam realizadas, podem ser encarados como mediadores da relação entre o homem e a cultura material. São nesses locais que narrativas são construídas, informações são apresentadas e significados culturais são passados e consolidados no imaginário comum. Portanto, a equipe encarregada de formular as exposições, sejam elas pensadas para ambientes físicos ou virtuais, o fez com objetivos específicos, que visavam criar um exemplo de representação do passado e, nos casos aqui apresentados, dos indivíduos abordados nessas exposições. Em tais situações, a recepção do passado é direcionada, e o público se apropria do modelo de narrativa proposto pelo museu (Cury, 2005, p. 367).

De acordo com Lorna Hardwick e Christopher Stray (2008, p. 03-04), na agenda atual dos estudos de recepção dos clássicos, há uma tendência de evidenciar os grupos subalternos, longe dos cânones que estiveram presentes nas primeiras pesquisas. Esse processo é chamado pelos autores de *democratic turn*, pois privilegia uma multiplicidade de personagens para a investigação do passado, bem como considera que as recepções são muitas e variadas, e que não há uma tradição dos clássicos, mas sim estudos da recepção desses, a partir de diferentes posicionamentos construídos em épocas distintas.

Nesse ínterim, uma das frentes que se destaca é aquela que trata das mulheres, personagens até então excluídas das narrativas e apontadas como secundárias no desenvolvimento das tramas históricas. Desde meados do século XX, presenciamos uma preocupação da historiografia em abordar o feminino, a partir da influência dos feminismos, que requisitaram uma reparação da história omissa, excludente e falocêntrica que havia sido produzida até então (Feitosa, 2014, p. 243-244). Ademais, os feminismos, além de requererem a voz das mulheres, auxiliaram na derrocada de uma visão de passado objetivo, imutável e baseado apenas nas fontes escritas.

No que diz respeito aos estudos sobre o mundo antigo, essa movimentação influi de forma direta em como esse período é mobilizado na historiografia, haja vista que os classicistas, até então, prezavam pela utilização de fontes escritas em seus estudos. O diálogo com as epistemologias feministas, ainda, atua na quebra das narrativas políticas e militares que exaltavam personagens masculinos. A partir disso, as publicações são revisitadas sob um olhar que preza pela pluralidade cultural e de identidades, e que, mediante isso, evidencia o papel das mulheres nas sociedades antigas (Rabinowitz, 1993, p. 6-7; 11; Foxhall, 2013, p. 11). Ademais, a ênfase em mulheres célebres, como aquelas pertencentes às famílias da elite ou ligadas a líderes políticos, deixa de ser o foco principal, e passa-se a pensar nas mulheres de diversas camadas sociais e nos diferentes modos de experienciar o ser feminino na Antiguidade (Feitosa, 2014, p. 245).

No caso das exposições, a guinada feminista, segundo Griselda Pollock (2008, p. XXI), se dá uma vez que, desde a revisão dos saberes engendrada em meados do século XX, há também uma acentuada inserção feminina no ambiente educacional e acadêmico. Nesse sentido, elas adentram os espaços curatoriais e de produção do saber sobre a arte e sobre o passado, de modo a modificar as visões dentro deles. Isto posto, cabe ressaltar que, além de possuírem o enfoque nas mulheres da Antiguidade, as exposições aqui analisadas foram encabeçadas por mulheres, assim como contaram com muitas outras para a sua efetiva realização. Entretanto, Nanne Burman (2017, p. 117; 127) atesta que as curadorias femininas e com temas femininos foram vistas, até o início da década de 1990, com certa desconfiança, e não eram a primeira opção de escolha. Contudo, com a reconfiguração desse cenário, a autora explica que as mulheres passam a ser maioria nos processos curatoriais e, por seu lugar de fala, têm buscado trazer as personagens femininas de diferentes temporalidades nas exposições que organizam.

Mas teriam as mulheres aparecido nas exposições apenas como um chamariz, a fim de angariar fundos para as instituições, uma vez que se trata de um tema atual, em voga na sociedade e que cativa o espectador? Para esse questionamento, Griselda Pollock (2008, p. XXVIII) afirma que sim e não. De acordo a autora, de fato, os museus constroem suas exposições com o intuito de obter lucro e manter-se enquanto instituição. Contudo, mais do que isso, a própria narrativa feminista remodelou o modo de pensar no Ocidente, e se as mulheres estão presentes nas exposições, seja como artistas ou tema de fundo, é porque elas foram requisitadas e inverteram a postura tradicional dos espaços de exibição.

O trabalho feminista nas exposições e, portanto, na criação de narrativas sobre o passado, não deve reiterar a diferença e colocar as mulheres como outro gênero, mas sim corroborar para a mudança nas formas de construir os discursos no interior desses espaços, bem como no modo de exibição das peças e das informações e como estas atingem o grande público. A diversidade deve ser abraçada, não apenas entre as mulheres, mas também entre os gêneros e os temas das exposições (Pollock, 2008, p. XXXI).

De acordo com Griselda Pollock (2003, p. 174; 2008, p. XXVII), o modelo para a exibição em museus segue uma tradição curatorial. Essa, por sua vez, dispõe os objetos em salas temáticas que mostram, em muitos casos, uma linearidade da história. Contudo, para a autora, esse modo de expor os artefatos do passado não cabe mais na atualidade, sendo necessário que novas visualidades e formas de organizar e adentrar esses espaços sejam criadas, sobretudo com a ampla disseminação das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) no mundo globalizado. Uma das alternativas para tanto é a realização de exposições no ambiente virtual, recurso que tem sido empregado com amplitude na última década, a fim de pluralizar o acesso aos acervos:

Ferramentas de comunicação como a internet ou as redes sociais têm influenciado notavelmente em nossa forma de comunicação e participação a distância. Os novos suportes permitem a digitalização de grande volume de conteúdo virtual ativado pela interação do usuário e/ou espectador. Promove-se uma maior participação entre o artista, os espectadores e o museu, e ao mesmo tempo desenvolvem-se novas relações fora dos centros tradicionais de exposição (Vellosillo, 2014, p. 137).

A partir do excerto em destaque, é possível compreender que a internet chega para mudar as nossas relações com o passado e com as fontes dele provenientes. No caso, o autor refere-se especificamente à arte, entretanto, os museus não são apenas espaços que salvaguardam essa parte da produção humana, mas também abrigam uma variedade de objetos que nos auxiliam a compreender como as pessoas viviam em diversas fases da história. Nesse sentido, por meio dos acervos digitais, há a possibilidade de expansão do acesso à informação e da construção do conhecimento sobre o passado (Funari, 2019, p. 36).

Giselle Beiguelman (2014, p. 13) expõe que as exposições digitais são parte importante da construção da memória e da democratização do acesso aos objetos. Por meio delas, atinge-se um público mais amplo, que vai muito além daquele que têm a oportunidade de visitar os museus e demais espaços nos quais esses materiais ficam alocados. Importante salientar que, no caso das exposições aqui analisadas, os objetos apresentados por elas não foram criados no ou para o meio digital, como é comum nos dias de hoje, com reconstruções tridimensionais de artefatos e espaços da Antiguidade. As peças trazidas nas três exposições existem, têm a sua materialidade no mundo, que, neste caso, é centenária, porém, podem se tornar acessíveis a nós por meio de imagens.

Essa nova forma de visualidade, que não permite a interação física e gera uma nova natureza para esses materiais, afeta a relação do nosso corpo, da nossa visão, da nossa mente, ou seja, afeta a nossa experiência com esses artefatos e as formas de recepção do passado (Pollock, 2003, p. 180; Beiguelman, 2014, p. 12-13).

O ciberespaço pode ser descrito como uma heterotopia, no sentido atribuído pelo filósofo francês Michel Foucault: um espaço alternativo ao espaço oficial. Esta heterotopia permite escapar do centro, seja para contestá-lo, seja para valorizar a existência de pólos periféricos, de modo que o espaço digital pode, a um só tempo, contribuir para a homogeneidade e a heterogeneidade, a depender do contexto e situação concretos (Funari, 2007, p. 31).

De fato, o modo como as exposições são formuladas direcionam o olhar do espectador para determinados aspectos dos artefatos ali expostos (Pollock, 2003, p. 177-178). Isso não escapa ao digital, que se baseia em

vídeos e fotografias dos objetos para disponibilizá-los na rede, os quais são produzidos com enfoques direcionados e que podem omitir ou evidenciar certos aspectos da obra. Dentre as variantes que afetam a nossa percepção dos objetos nas exposições virtuais, estão a conexão com a internet, a qualidade de imagens, as resoluções, os tamanhos, a organização e o *design* dos sites e os *layouts* das páginas que garantem acesso às informações (Beiguelman, 2014, p. 13; Buurman, 2017, p. 119). Com isso, a própria veracidade dos materiais é posta em discussão no mundo digital (Funari, 2019, p. 36). Diante dessas novas configurações arquivísticas, universidades, museus e demais instituições têm pensado em normas e procedimentos técnicos para a garantia da autenticidade e do acesso adequado a esses materiais para as gerações futuras (Funari, 2014, p. 35).

Constata-se, assim, que as camadas que perpassam a relação entre virtualização da materialidade e interação não presencial, ou seja, entre nossos corpos, imagens e meios de difusão (Belting, 2014, p. 14), são muitas e levam a debates profundos. Entretanto, por não se tratar do objetivo deste artigo, elas não serão discutidas, mas apenas comentadas no decorrer da apresentação das exposições, de modo a verificar quais percepções sobre as mulheres da Antiguidade podem ser causadas no espectador por meio do modo como os artefatos foram apresentados e organizados no espaço digital.

De acordo com Marília Cury (2005, p. 368), em um primeiro momento, os museus eram vistos como espaços que mediavam a interação entre as pessoas e a cultura. Ou seja, passavam discursos que eram assimilados pelos espectadores de forma passiva. Entretanto, as tendências atuais os encaram como espaços interativos, nos quais as exposições são pensadas para que haja a participação cognitiva do público. Nesse sentido, *os documentos digitais apresentam-se, de imediato, como discursos, portanto subjetivos, e que dependem de uma interpretação, para ser inteligível, também algo subjetivo* (Funari, 2007, p. 28). Assim, em meio a essas novas configurações, o espectador é encarado como aquele que absorve o conhecimento, mas que têm a possibilidade de reelaborá-lo e formular novas ideias acerca dos objetos e do modo como foram expostos.

Segundo Nanne Buurman (2017, p. 115), desde a década de 1990 há uma tendência de pesquisa que analisa os discursos trazidos nas exposições e nas formas de curadoria praticadas por elas. Assim, pretende-se agora

explicitar quais as visões sobre as mulheres da Antiguidade foram e estão sendo passadas nas exposições virtuais que as têm como temática central, e se essas se encontram alinhadas aos debates feministas inscritos na sociedade contemporânea e na história das mulheres da Antiguidade.

Exposição 250 mujeres de la antigua Roma

A primeira exposição analisada é intitulada *250 mujeres de la antigua Roma*, organizada pelo grupo “Conditio Feminae I: Marginación y visibilidad de la mujer en el Imperio Romano”, do Departamento de História Antiga da Universidade de Sevilha, e coordenada por Pilar Pavón. Na página da exposição, colocada no ar em 2022, constam as seguintes informações sobre a sua organização:

La Exposición se divide en cuatro partes que se corresponden con los períodos principales de la Historia Antigua de Roma y en cada uno de ellos se inserta un número determinado de fichas de mujeres realizadas por especialistas. Cada ficha dispone de un breve texto biográfico, una imagen representativa, un mapa mudo con un punto latente donde se encuentra la ubicación aproximada donde vivió la protagonista, así como un elenco sucinto de fuentes y de bibliografía. Se puede descargar libremente la monografía colectiva vinculada a esta Exposición en formato digital.

A página de acesso à exposição é bastante intuitiva e organizada em diversos setores, o que facilita o acesso às informações sobre as mulheres tratadas. O conteúdo é dividido em abas que abarcam quatro períodos da história romana, sendo eles: “Das origens ao fim da Monarquia – séculos VIII a.C. a VI a.C.”; “A República Romana – séculos 509 a 27 a.C.”; “O Império Romano – 27 a.C. a 284 d.C.”; e “Antiguidade Tardia – 284 a 565 d.C.”. Em cada uma dessas abas há o nome de diversas mulheres que tiveram relevância dentro do contexto temporal no qual foram inseridas e, ao clicar nesses nomes, somos direcionados a uma página com informações sobre a personalidade escolhida.

Como explicitado na descrição apresentada, nas páginas destinadas a cada uma das mulheres há um texto informativo sobre elas, um mapa, que indica a localidade aproximada de onde viveram, uma foto representativa ou de fontes que as abordam e indicações bibliográficas para obter mais

informações sobre elas. Além disso, ao final de cada texto, há o nome do pesquisador encarregado de elaborar o material sobre aquela mulher, bem como a instituição a qual ele se encontra vinculado.

O interessante da exposição em questão está no fato de que ela não está concentrada apenas nas mulheres da elite ou que tiveram papel de relevância por estarem vinculadas a homens de poder político e militar. São citadas diversas mulheres, com funções e classes sociais distintas, de diferentes localidades, idades e temporalidades, que por algum motivo tiveram seus nomes evidenciados nas fontes que nos chegaram na contemporaneidade. De fato, é notório o trabalho dos pesquisadores em catalogar essas 250 mulheres e disponibilizar, de forma gratuita, material com riqueza informacional. Ademais, o *layout* da página e a linguagem empregada nos textos proporcionam um amplo alcance de público, que pode ir muito além daquele especializado, desde que se tenha conhecimento da língua espanhola. Além disso, é útil a pesquisadores da área, que podem buscar informações bibliográficas e de fontes nessa exposição.

Importante destacar que a exibição conta também com uma monografia que pode ser baixada gratuitamente no *site*. Esta traz todas as informações presentes no ambiente virtual, como os textos e as fontes para consulta, além de garantir a oportunidade de acessar o material em momentos nos quais a conexão com a internet não é possível.

Cabe ressaltar que o *site* no qual está alocada a exposição pertence ao grupo de estudos “*Conditio Feminae I: marginación y visibilidad de la mujer en el Imperio Romano*”, da Universidade de Sevilha, na Espanha, o qual, além das informações sobre as 250 mulheres, traz muitas outras facilidades para os pesquisadores da área e da temática. No menu superior, é possível encontrar bancos de dados com indicações de endereços eletrônicos nos quais se podem acessar fontes epigráficas, papirológicas, numismáticas, bem como indicações de páginas que contenham fontes de outras naturezas. Assim, a contribuição vai muito além da divulgação de material sobre as mulheres, mas também de possibilidades de pesquisas sobre essas. Ainda, são postadas notícias, indicações de eventos e publicações relacionadas às mulheres romanas.

Exposição *Imperatrici, Matrone, Liberte. Volti e segreti delle donne romane*

A exposição *Imperatrici, Matrone, Liberte. Volti e segreti delle donne romane* foi realizada pela Galeria Uffizi, em Florença, na Itália, entre os dias 3 de novembro de 2020 a 14 de fevereiro de 2021. Apesar da sua existência presencial, foi disponibilizado também um *tour* virtual à exposição. Nesse *tour*, que pode ser acessado no *site* da Galeria Uffizi, somos guiados à sala na qual ocorreu a exposição por meio de setas, que direcionam o percurso. A visita começa na porta da sala, fechada, e que conta com o cartaz de anúncio da exibição na parte superior. Ao clicar em um ícone indicado na tela, o espectador é direcionado ao interior do aposento e, a partir de então, é guiado aos artefatos expostos por meio de círculos existentes no chão, nas paredes, ou em proximidade com as peças, sob os quais se deve clicar para caminhar pelo local e acessar as informações. A visão em 360° graus também é possível no interior do cômodo.

Em uma das paredes da sala temos a descrição da exposição em italiano e inglês:

The exhibition is divided into three sections, exploring three different aspects of the depiction of women in the first two centuries of the imperial age. The first section illustrates so-called negative exempla, in other words women's conduct at odds with the matronly ideal, either involving the kind of charges traditionally levelled at women in Rome or because the women in question had challenged the ideal. The second section investigates the ideal model itself as embodied by the official depiction of members of the domus Augusta and emulated by women from Every Walk of life, who thus has the opportunity to draw as close to the matronly ideal as possible. The final section focuses on the public profile and opportunity for action that a dynastic regime proved capable of offering the female members of the imperial household, turning them into de facto role models to serve as inspiration for their contemporaries in the Upper classes who could thus carve out areas for "political" action for themselves as evergets or patronesses of their city.

Imperatrici, Matrone, Liberte conta com poucas peças sendo exibidas, todavia, a limitação do acervo não impede a riqueza da abordagem trazida

na exposição. Os objetos expostos consistem em esculturas com os bustos das mulheres citadas, bem como lápides funerárias e alguns desenhos desses materiais, os quais, como mencionado no excerto, estão divididos em três seções. Interessante o fato de que os artefatos abordam mulheres que executaram o ideal matronal e serviram de exemplo para a sociedade imperial, mas também aquelas que transgrediram as normas e os ideais impostos para o seu gênero. Ou seja, a visão passada ao espectador é aquela que ressalta a diversidade das formas de ser e se subjetivar enquanto mulher dentro das sociabilidades romanas.

Apesar da dificuldade que o formato do *tour* virtual apresenta para a leitura das informações contidas nos cartazes colocados junto às peças exibidas, que ficam muito pequenas, ele oferece ícones ao lado dessas informações, que, ao serem clicados, redirecionam o espectador a outra página, a qual apresenta esses dados em formato de texto, assim como traz uma fotografia ampliada do material exibido. Nesse *link*, são disponibilizadas informações técnicas da peça ou documento, como tamanho, local de achado, datação, local de conservação, número de inventário, além de um texto descritivo e de um vídeo que apresenta a peça em 3D, com possibilidade de visualização em 360°. Tal recurso, apesar de presente em grande parte das peças exibidas, infelizmente não está disponível em todos os casos, o que limita a experiência do espectador. Importante salientar, assim, que a exposição tenta unir espaço físico e virtual, ao propor uma imersão à sala de exposições, por meio do *tour* virtual.

Exposição *Rediscovering Ancient Women: Fragments of Their Lives from the Mediterranean Collections at the Hearst Museum of Anthropology*

A exposição *Rediscovering Ancient Women: Fragments of Their Lives from the Mediterranean Collections at the Hearst Museum of Anthropology* foi organizada pela professora Diliانا Angelova, em conjunto com alunos que cursaram a disciplina “Well behaved women”, na Universidade de Berkeley, na Califórnia, em 2021. Segundo a descrição presente no *site* da exposição:

It showcases the centrality of visual and material evidence in reconstructing the lives of ancient Mediterranean women. The images

and objects in the exhibit—Greek vases, Etruscan figurines, Greek and Roman coins, an Egyptian funerary portrait, and Egyptian textiles—originate for the most part from burial grounds and votive deposits in Etruria and Egypt. These objects testify to the work and religious roles of ordinary women, the privileges of wealthy matrons in life and death, widespread ideas about femininity, the symbolic power of queens and empresses, and to the enduring allure of the female form and face for ancient Mediterranean viewers.

O interessante dessa exposição é que ela não está centrada em apenas uma localidade ou temporalidade, ao contrário das duas anteriores, que focam somente nas mulheres romanas. Ao todo, são 16 artefatos, sendo eles: uma estátua em pedra calcária de uma tocadora de Lira, encontrada na Ilha de Chipre e datada do século VI a.C.; um vaso de terracota ateniense, que mostra um ritual de casamento, do século V a.C.; uma estátua etrusca em bronze, que retrata uma mulher nua, do século IV a.C.; uma cópia, em gesso, de uma escultura da deusa Afrodite realizada por Praxíteles no século IV a.C.; uma Kylix ateniense do século V a.C., que traz a figura de uma mulher em um altar; um retrato de uma mulher, encontrado em uma tumba em Fayum, no Egito, do século II d.C.; um grampo de cabelo de marfim, também do Egito, sem datação definida; um colar egípcio de contas com função protetiva, do século IV d.C.; um relevo votivo com um rosto feminino e uma estatueta com uma mulher segurando um bebê, ambos etruscos, feitos em terracota e datados do século IV a.C.; um fuso de madeira, egípcio, que pode ter sido utilizado entre os séculos I a.C. e IV d.C.; uma túnica infantil egípcia, sem datação; duas moedas de Siracusa com representações de rostos femininos, datadas dos séculos V e III a.C., respectivamente; um sarcófago etrusco com a estátua de uma mulher, não datado; e uma moeda romana com a representação de Livia, do ano 68 d.C.

Ao acessar a página da exposição, as imagens dos objetos trabalhados aparecem organizadas por título. Ao clicar nos ícones, o visitante é redirecionado a uma foto ampliada do artefato, bem como a seus dados de catalogação e aos comentários sobre elas realizados pelos estudantes que elaboraram a montagem do material. Nesses comentários, encontram-se interpretações acerca das peças, que permitem compreendê-las e entender os seus significados dentro do contexto no qual foram produzidas, bem com a sua relação com as vidas das mulheres retratadas ou que os utilizavam.

As informações trazidas não são tão completas e, portanto, oferecem menos aparato para os pesquisadores, se comparado aos casos anteriores. Isso se deve, provavelmente, pelo fato de que o intuito foi o de selecionar apenas artefatos disponíveis na coleção do Hearst Museum of Anthropology que contribuíssem para dar visibilidade às mulheres da Antiguidade, e o acervo, por certo, tinha limitações. O interessante, porém, é que assim como no caso das outras exposições, são abordadas mulheres de distintas classes e contextos, em seus diferentes papéis sociais, de modo a pluralizar as narrativas sobre essas.

Considerações finais

Percebe-se, dessa forma, que as narrativas sustentadas nas três exposições analisadas vão na direção de garantir visibilidade às mulheres da Antiguidade, ao abarcarem artefatos da cultura material que remetem a essas personagens. Em suas descrições, todas ressaltam a importância de falar sobre as mulheres antigas e de reparar a invisibilidade a que foram relegadas durante décadas de construção da disciplina histórica. Ademais, a diversidade de personagens trazidas, as quais remetem a temporalidades, localidades e esferas sociais distintas, pluraliza o discurso acerca do feminino na Antiguidade e retira as mulheres desse período da esfera do lar. Por meio das interpretações feitas desses materiais, bem como a partir das informações trazidas em textos alocados nas páginas das exposições, somos levados a construir uma visão das mulheres romanas que enseja a multiplicidade.

Ainda, disponibilizar tais materiais de forma gratuita e em ambiente virtual, com qualidade de definição e *layout* intuitivo de navegação, corrobora para a educação do público leigo, mas interessado em saber mais sobre a vida das mulheres antigas. Ademais, em todos os casos, é possível a utilização das informações por pesquisadores da área, que nesses espaços podem acessar com facilidade dados bibliográficos, bem como imagens de materiais que podem servir às suas pesquisas.

Atesta-se, portanto, que as perspectivas que circulam entre os estudos acadêmicos sobre as mulheres da Antiguidade têm chegado também às exposições, sejam elas físicas ou virtuais, e, dessa maneira, atingem o público em geral. Nesse sentido, em meio a um mundo globalizado e permeado pela difusão cada vez mais intensa de dados, as exposições virtuais têm

agido como espaços importantes para a democratização do acesso às informações sobre o passado antigo. Ademais, são *locus* de preservação para a posteridade em um mundo volátil, no qual as peças podem ser destruídas ou se deteriorarem pela ação do tempo – isso sem entrar no debate da preservação dos próprios arquivos digitais, que também têm sua efemeridade.

A atualização do passado, a partir do contexto digital e da inserção da história nesse espaço, tem levado a intensas reflexões na última década. Em vista disso, as análises aqui trazidas poderiam incorrer em diversas outras indagações e caminhos de pesquisa, os quais não foram mobilizados, mas que levariam ao alargamento das discussões sobre os discursos e a disponibilidade dos arquivos no meio digital, bem como acerca da recepção feita desses materiais de acordo com os interesses contemporâneos.

Documentação

250 mujeres de la antigua Roma. 2022. Disponível em: <https://grupo.us.es/conditiofeminae/index.php/250-mujeres-de-la-antigua-roma/>. Acesso em: 01 out. 2023.

Imperatrici, Matrone, Liberte. 2021. Disponível em: <https://www.uffizi.it/mostre-virtuali/imperatrici-matrone-liberte>. Acesso em: 01 out. 2023.

Rediscovering ancient women. 2021. Disponível em: <https://hearstmuseum.berkeley.edu/exhibit/rediscovering-ancient-women-fragments-lives-mediterranean-collections-hearst-museum-anthropology/>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Referências bibliográficas

BEIGUELMAN, Giselle. Reinventar a memória é preciso. In: BEIGUELMAN, Giselle; MAGALHÃES, Ana Gonçalves (orgs.). *Futuros possíveis: arte, museus e arquivos digitais*. São Paulo: EDUSP, 2014. p. 12-33.

BELTING, Hans. *Antropologia da Imagem: para uma ciência da imagem*. Lisboa: KKYM+EAUM, 2014.

BUURMAN, Nanne. Engendering exhibitions: the politics of gender in negotiating curatorial authorship. *Journal of Curatorial Studies*, v. 6, n. 1, p. 115-138, 2017.

CURY, Marília Xavier. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 365-380, 2005.

- FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. Teoria da História e questões de gênero na Antiguidade Clássica. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (orgs.). *Narrar o passado, repensar a História*. Campinas, São Paulo: UNICAMP/IFCH, 2014.
- FOXHALL, Lin. *Studying gender in classical antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Aspectos da gestão de acervos em bibliotecas na Era Digital. *Mimesis*, Bauru, v. 28, n. 2, p. 23-28, 2007.
- _____. Gestão, preservação e acesso a documentos digitais: patrimônio cultural e diversidade. *Cadernos do CEOM*, Chapecó, v. 18, n. 22, p. 213-230, 2014.
- _____. Os desafios do passado a um toque. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 32, p. 33-40, 2019.
- HARDWICK, Lorna. *Reception Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- _____.; STRAY, Christopher. Introduction. In:_____.; STRAY, Christopher (eds.). *A companion to classical receptions*. Oxford: Blackwell, 2008. p. 1-9.
- MARTINDALE, Charles. Introduction: thinking through reception. In: MARTINDALE, Charles; THOMAS, Richard F. (eds.). *Classics and the uses of reception*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006. p. 01-13.
- POLLOCK, Griselda. The Grace of Time: narrativity, sexuality and a visual encounter in the Virtual Feminist Museum. *Art History*, Oxford, v. 26, n. 2, p. 174-213, 2003.
- _____. *Vision and difference*. Feminism, femininity and the histories of art. Londres: Routledge, 2008.
- RABINOWITZ, Nancy Sorkin. Introduction. In: RABINOWITZ, Nancy Sorkin; RICHLIN, Amy (eds.). *Feminist Theory and the classics*. Londres: Routledge, 1993.
- VELLOSILLO, Arianne Vanrell. Estratégias de conservação e humanidades digitais. In: BEIGUELMAN, Giselle; MAGALHÃES, Ana Gonçalves (orgs.). *Futuros possíveis: arte, museus e arquivos digitais*. São Paulo: EDUSP, 2014. p. 135-146.
- ZANKER, Paul. *Pompeii: public and private life*. Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press, 1995.